

Estudos químico-médicos sobre a litíase na documentação inglesa do século XVII

Ana Maria Alfonso-Goldfarb & Marcia H. M. Ferraz ·

Resumo

Até finais do século XVIII, uma das enfermidades mais temidas foi a litíase, também conhecida como “mal (ou males) da pedra”. Por uma série de motivos, no século XVII, a litíase das vias urinárias atingiu desde as pessoas mais simples até os mais altos potentados, passando por muitos dos envolvidos com a ciência moderna. Uma vez que poucos sobreviviam à solução cirúrgica, tornaram-se intensas as buscas por medicamentos capazes de curar ou aliviar as dores excruciantes causadas pelos cálculos. Em especial, as buscas centravam-se em fórmulas magistrais difíceis de obter ou mesmo inencontráveis, como a que teria sido preparada pelo famoso J.B. van Helmont, a base de *alkahest* e *ludus*, ou seja, materiais quase (ou, efetivamente) lendários. O propósito do presente estudo é acompanhar esse processo, focando, especialmente, o cenário seiscentista em terras britânicas, para o qual as correspondências e efemérides do *intelligencer* Samuel Hartlib (1600-1662) são fontes de grande importância.

Palavras-chave

História da ciência; Terapêutica seiscentista; Litíase; Fórmulas magistrais; Samuel Hartlib

Chemical-medical studies on urinary calculi in 17th century English literature

Abstract

Urinary calculi (also known as stones) were one of the most fearful diseases until the end of the 18th century. In the 1600s, for various reasons, the disease affected a large number of individuals from the poorest to the wealthiest ones, including many of the men engaged in modern science. Since very few survived surgical treatment, the quest for medicines able to cure or afford relief to the excruciating pain associated with that condition became remarkably intensive. The main target of inquiry were some magisterial formulæ, which were very difficult if not impossible to locate, like the one elaborated by the reputed J.B. van Helmont (1580-1644) using *alkahest* and *ludus*, i.e., practically (or actually) mythical materials. The aim of the present study was to follow up those developments, particularly in 17th century Britain. For that purpose, the correspondence and ephemerides of the *intelligencer* Samuel Hartlib (1600-1662) are particularly relevant.

Keywords

History of science; 17th century therapeutics; urinary calculi; Magisterial formulæ; Samuel Hartlib

· Doutoradas em História da Ciência; Professoras, Programa de Estudos Pós Graduados em História da Ciência/Pesquisadora, Centro Simão Mathias de Estudos em História da Ciência (CESIMA), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho apresentado no Simpósio Temático “Concepções sobre Doença e sua Prevenção”, 14^o Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. ✉ aagold@dialdata.com.br mh ferraz@pucsp.br

Embora a palavra *intelligencer* quase não tenha mudado sua conotação ao longo do tempo,¹ para quem estuda o século XVII, a busca de documentos produzidos por *intelligencers* desse período é algo de muito especial e único. Entre outras coisas, porque as poderosas penas e os olhos escrutinadores de tais personagens juntavam boa parte do que se conheceu nesse século. As vezes publicados por eles próprios, mas, em boa parte e dependendo do conteúdo, mantidos até agora em transcrições ou manuscritos pouco estudados, esses documentos podem revelar aspectos que foram cruciais para a articulação entre uma imensa variedade de pensamentos, como os que deram origem à nova ciência.

Esse seria o caso, por exemplo, da documentação deixada por Samuel Hartlib (1600-1662), polo de atração e articulação entre indivíduos e redes de estudiosos que, de alguma maneira, detivessem conhecimentos de interesse para o grupo inglês formado a sua volta. Seria longo e impertinente explicar aqui porque razão alguém como Hartlib acabou tornando-se um dos maiores, se não o maior dos *intelligencers* da Inglaterra seiscentista.²

É, porém, mais que pertinente, para o nosso tema, verificar os indícios, deixados nos escritos de Hartlib, de uma vinculação gradual, mas certa, entre conjuntos de saberes tradicionais e o que havia de mais atual e inédito na época. Algo bastante especial e importante, pois a partir dessa conjunção começariam a ganhar forma muitos dos novos estudos da, também, nova ciência. Em particular, esse seria o caso daqueles estudos, mais tarde, denominados químico-médicos, cuja rota, nada trivial, no seiscentos se faz ver, tanto na incansável correspondência de Hartlib com meio mundo, quanto em suas centenas e centenas de efemérides.³

Um bom fio condutor para abordar essa massa densa de escritos, por vezes truncados pela ação do tempo ou, ainda, cifrados intencionalmente, encontra-se nas persistentes buscas de Hartlib por alguma forma de cura para o que, então, se chamava “mal ou males das pedras”.⁴ Antes de mais nada, porém, seria bom lembrar que, essas

¹ Os registros propiciados pelo *Oxford English Dictionary*, do século XVI ao XXI, mencionam *intelligencer* principalmente como aquele que traz ou obtém informações, muitas vezes, confidenciais; OED Online, v. “intelligencer”, www.oed.com.libproxy.ucl.ac.uk, acesso em 5 de outubro de 2014.

² Vide, por exemplo: George H. Turnbull, *Hartlib, Dury and Comenius: Gleanings from Hartlib's* ([Liverpool]: University Press of Liverpool, 1947); Charles Webster, *Hartlib and the Advancement of Learning* (London: Cambridge University Press, 1970); Mark Greengrass, Michael Leslie, & Timothy Raylor, ed., *Samuel Hartlib and Universal Reformation: Studies in Intellectual Communication* (Cambridge: Cambridge University Press 2002).

³ A extensa documentação que ficara desaparecida, desde o século XVII até cerca da metade do XX, foi transcrita e publicada em: *The Hartlib Papers: A Complete Text and Image Database of the Papers of Samuel Hartlib (c. 1600–1662) held in Sheffield University Library*, Sheffield, UK, 2nd ed (2 CD-ROMs, University of Sheffield, ca. 2002), a partir daqui mencionada como *Hartlib Papers*; boa parte desta pode ser atualmente consultada online (<http://www.hrionline.ac.uk/hartlib/>); vide também, sobre a organização desses documentos, Greengrass, Leslie & Raylor, “Introdução”, in *Samuel Hartlib and Universal Reformation*.

⁴ H. Ellis, *A History of the Bladder Stone* (Oxford: Blackwell Scientific, 1969); E. J. Westbury, “A Chemist’s View of the History of Urinary Stone Analysis,” *British Journal of Urology* 64 (1989): 445-50.

“pedras” eram vista como concreções de igual natureza. Desse modo, muito embora suas manifestações fossem, visivelmente, diferentes em cada parte do organismo, considerava-se que todas deveriam ser tratadas de semelhante maneira.⁵ Ou seja, fossem quais fossem os males das pedras, desde as concreções nas juntas até a litíase das vias urinárias, todos eram vistos e tratados como um e o mesmo. E, como, em geral, nada melhor para aniquilar uma pedra do que dissolvê-la, o século XVII seria um período de grandes esperanças e expectativas, pois foi marcado por incontáveis estudos sobre solventes.⁶

Apesar disso, foi também um período marcado por quantidades imensas de pacientes acometidos por males das pedras, uma das doenças mais temidas e letais do seiscentos. Para esses pacientes, aliás, os poderosos solventes que começavam a ser parametrizados, acabariam por trazer ainda mais sofrimento, inclusive, acelerando o processo da doença e causando a morte de muitos.⁷ Desnecessário explicar com maiores detalhes que, as buscas frenéticas de Hartlib e, seja dito, de meia Europa, estiveram relacionadas ao dilema existente entre o risco de tentar fármacos altamente perigosos e inéditos e aquele de deixar que a doença seguisse seu curso, em meio a dores terríveis.

Aparentemente, o caminho tomado, entre essas duas alternativas pouco alentadoras, foi aquele também anunciado durante o seiscentos, não sem certa pompa e circunstância, implicando em novas formulações, consideradas “universais” por ser ao mesmo tempo poderosas e suaves. Embora remédios ditos “universais” e outras “fórmulas magistrais” do gênero não fossem novidades, linhagens inteiras de iatroquímicos, já desde o século anterior, vinham trabalhando, entusiasticamente, nesta direção. Em quase nada diferentes dos velhos alquimistas e seguindo muitos de seus receituários, estes iatroquímicos, porém, começariam a se afastar de perspectivas médicas tradicionais e a enxergar nos próprios processos de laboratório, um modelo para entender e operar o organismo.⁸ Mais uma vez, não seria o caso de discorrer sobre tais linhagens de iatroquímicos e suas bases (ou não) no paracelsismo, mas apenas indicá-los aqui enquanto fonte de alguém como J.B. van Helmont (1579 -1644), cujas

⁵ Veja por exemplo, Jan B. van Helmont, que diz serem as pedras formadas a partir de uma alteração no organismo, “A Treatise of the Disease of the Stone,” in *Van Helmont's Works* (London: Lodowick Lloyd, 1664), 815-929, V: 6 (por convenção, os trabalhos de van Helmont são citados por capítulo e página).

⁶ Um exemplo dessas buscas por “poderosos solventes” foi a do lendário *alkahest*; vide Paulo A. Porto, “Summus atque felicissimus salium’: The Medical Relevance of the Liquor Alkahest,” *Bulletin of the History of Medicine* 76 (2002): 1-29; Ana M. Alfonso-Godlfarb, Márcia H. M. Ferraz, & Piyo M. Rattansi, “Lost Royal Society Documents on ‘Alkahest’ (Universal Solvent) Rediscovered,” *Notes & Records of the Royal Society* 64 (2010): 435-56; Ana M. Alfonso-Godlfarb, Márcia H.M. Ferraz, & Silvia Waisse, “Chemical Remedies in the 18th Century: Mercury and Alkahest”, *Circumscribere* 7 (2010): 19-30.

⁷ Andreas-H. Maehle, *Drugs on Trial: Experimental Pharmacology and Therapeutic Innovation in the Eighteenth Century* (Amsterdam: Rodopi, 1999).

⁸ Walter Pagel, *Paracelsus: An Introduction to Philosophical Medicine in the Era of the Renaissance*, 2nd rev. edn, (Basel: Karger, 1982), 104 *et seq.*; Allen G. Debus, *The Chemical Philosophy: Paracelsian Science and Medicine in the Sixteenth Century* (New York: Dover, 2002), 58 *et seq.*

ideias foram um dos pontos altos na medicina seiscentista. Por consequência, ponto alto também naquele caminho intermediário cruzado, depois seguido e, por fim, perseguido com todas as forças por Hartlib. Visto da distância de nosso século, parece difícil entender porque um *intelligencer* do porte de Hartlib se entregou com tanto afinco a captar as ideias de van Helmont, quase todas publicadas postumamente, sem maiores explicações e bastante obscuras.⁹

No entanto, justamente na obra de van Helmont encontram-se as mais profundas reflexões, da época, a respeito de processos de laboratório, como a fermentação e o decaimento, que deitariam uma nova luz sobre importantes funções fisiológicas e, com o tempo, ajudariam a derrubar teorias médicas bem estabelecidas e centenárias. E, mais ainda, também na obra de van Helmont estava um estudo profundo sobre as origens e possíveis causas da litíase e ... uma série de considerações sobre como tratar esse tipo de enfermidade! Naturalmente, essas considerações não incluíam qualquer receituário. Mas já apontavam uma espécie de remédio “universal” para eliminar, de maneira nunca antes vista, as concreções no organismo que, de outra forma, seriam incuráveis, segundo o próprio Helmont.¹⁰ Nem é preciso dizer que, mesmo antes da publicação do conjunto de obras de Helmont, já corriam vozes sobre as possíveis novidades ali contidas, em todos os ambientes da alta cultura europeia e, especialmente, naqueles preocupados com questões de saúde, que, por sinal, eram muitos.¹¹

Como também não é preciso dizer que, no caso particular da litíase, embora a preocupação fosse enorme – pois esse tipo de enfermidades atingia, em massa, desde

⁹ Ver Walter Pagel, *Joan Baptista Van Helmont: Reformer of Science and Medicine* (Cambridge: Cambridge University Press, 1982) e, mais especificamente em relação à Inglaterra, Charles Webster, *From Paracelsus to Newton: Magic and the Making of Modern Science* (Cambridge: Cambridge University Press, 1983); Charles Webster, *The Great Instauration: Science, Medicine and Reform, 1626– 1660* (London: Duckworth, 1975); Antonio Clericuzio, “From van Helmont to Boyle: A Study of the Transmission of Helmontian Chemical and Medical theories in Seventeenth-century England,” *The British Journal for the History of Science* 26 (1993): 303–34; Antonio Clericuzio, “Robert Boyle and the English Helmontians,” in *Alchemy Revisited*, ed. Z. R.W.M. von Martels (Leiden: Brill, 1990) 192–9; Allen G. Debus, *The English Paracelsians* (London: Oldbourne, [1965]); Piyo M. Rattansi, “The Helmontian – Galenist controversy in Restoration England,” *Ambix* 12 (1964): 1–23; Piyo M. Rattansi, “Paracelsus and the Puritan Revolution,” *Ambix* 5 (1963): 24–32; John T. Young, *Faith, Medical Alchemy and Natural Philosophy: Johann Moriaen, Reformed Intelligencer, and the Hartlib Circle* (Aldershot: Ashgate, 1998), esp. 183–207. Sobre as buscas de Hartlib em relação às ideias de van Helmont, ver: “Letter from Culpeper to Hartlib”, 17/06/1645, *Hartlib Papers*, 13/94A – 98B.

¹⁰ Sobre a assimilação de processos do laboratório ao funcionamento do organismo em van Helmont, vide, por exemplo, Walter Pagel, “Van Helmont's Ideas on Gastric Digestion and the Gastric Acid,” *Bulletin of the History of Medicine* 30 (1956): 524–36 e, ainda, do mesmo autor, *Joan Baptista Van Helmont*, 129–40. Sobre o trabalho específico de Helmont em relação à litíase, veja seu *De lithiasi*, in *Opuscula medica inaudita* (Amstelodami: Ludovicum Elzevirium, 1648), aqui citado a partir da tradução inglesa, “A Treatise of the Disease of the Stones,” in *Van Helmont's Works*, 815–929, onde a menção a um remédio universal para a litíase pode ser encontrada à página 881.

¹¹ Sobre a expectativa em relação à obra de Helmont, ver Clericuzio, “From van Helmont to Boyle”, 310–11; e, também, Ana M. Alfonso-Goldfarb, Márcia H.M. Ferraz, & Piyo M. Rattansi, “Seventeenth-century 'Treasure' Found in Royal Society Archives: The *Ludus helmontii* and the Stone Disease,” *Notes & Records of the Royal Society* 68 (2014): 227–43, em 232–3.

cabeças coroadas e grandes intelectuais, até as camadas populares – as possibilidades abertas por van Helmont implicaram em grandes frustrações e buscas. Entre outras coisas, porque a possível formulação desse remédio “universal” e infalível dependia de um solvente também “universal” chamado *alkahest*, cuja receita, aparentemente descoberta por van Helmont, era inencontrável.¹²

Não se tratava, portanto, de mais um dos poderosos solventes tão cobiçados na época. Mas, de um solvente dos solventes que, além de ser base da cura para a litíase, poderia revolucionar a preparação de outros remédios “universais” lendários, como o “ouro potável” e a própria pedra das pedras, ou seja, a “pedra filosofal”. Sem contar as possibilidades que parecia oferecer a outros campos de estudo, relacionados aos mais diversos materiais. Isso porque, após dissolver qualquer tipo de material, em seus constituintes básicos, poderia ser recuperado intacto. Ou seja, era eterno, inquebrantável e poderoso. E, mesmo assim, suave o suficiente para ser ingerido sem causar danos ao organismo ou, ainda, para abrir as entranhas da matéria, com uma delicadeza nunca alcançada antes. Difícil imaginar tal poder de desintegração aplicado ao organismo sem afetá-lo ou, até mesmo, qualquer vasilhame capaz de contê-lo.¹³

Talvez por isso, van Helmont deixou algumas indicações sobre a possibilidade de “fixar” as propriedades maravilhosas do *alkahest* a partir de um material a que chamou de “*ludus*”. Por sua vez, este seria apenas uma simples espécie de barro. Mas, como se acreditava que só existisse nas proximidades onde vivera van Helmont, além de receber o nome de “*ludus helmontii*”, passou a ser alvo de buscas e trocas, quase tão mirabolantes, quanto as da própria receita do *alkahest*.¹⁴

Assim, embora o remédio “universal” de van Helmont fosse considerado inigualável contra a litíase, encontra-lo ou, mesmo, obter seus míticos componentes, transformou-se num verdadeiro quebra-cabeças, cujas peças seriam privilégio de alguns poucos eleitos. Nos escritos nada claros de Helmont essa tarefa foi vista, aliás, como algo que necessitava de inspiração divina e apenas digna de quem a merecesse.¹⁵

¹² Sobre as frustrações em relação à compreensão dessa mesma obra, ver Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Lost Royal Society Documents”, 439; Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Seventeenth-century ‘Treasure’”, 230; neste último artigo, pode ser verificado o caso de O. Wormius (1588-1654), que pede a um de seu sobrinho para obter mais informações sobre o trabalho de van Helmont; *Ibid.*, 231.

¹³ O *alkahest* apresentava propriedades que o recomendavam não apenas para fins medicinais, conforme é discutido em: Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Lost Royal Society Documents”, 439; Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Waisse, 19-30. J. Kunckel (1630-1703?), após discutir as pretendidas propriedades do solvente universal e dos quase-impossíveis frascos em que seria preparado e guardado, passa a tratar da origem e do significado da palavra *alkahest*, terminando por dizer que o sentido mais adequado seria: “*alles Lügen est*”, ou seja, “é tudo mentira”; ver seu *Collegium physico-chymicum experimentale oder Laboratorium chymicum*, 3ª ed. (Hamburg: Gottfried Richter, 1738), 505-6; ver, ainda, Porto, 1-2; 6.

¹⁴ Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Seventeenth-century ‘Treasure’”, 229-30, 233-5.

¹⁵ Vide, van Helmont, VII: 22; para uma discussão sobre possíveis substitutos do *alkahest*, vide: Porto, 7; 23; Anna M. Roos, *The Salt of the Earth: Natural Philosophy, Medicine, and Chymistry in England (1650–1750)* (Leiden: Brill, 2007) 37; Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Lost Royal Society Documents”, 438-9; Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Waisse, 26-8.

Como é óbvio, a efetiva trama histórica esteve bem longe disso e repleta de toda sorte de médicos e figuras interessadas nos segredos do laboratório, incluindo alguns *intelligencers* do porte de Hartlib.

Enquanto *intelligencer*, Hartlib sempre soube onde e quando coletar tudo o que fosse importante para seu grupo, como também para retroalimentar sua extensa rede de informantes. E, no caso das informações sobre a litíase, já em 1635 comenta, em uma efemérides, que um certo “empírico” havia elaborado um medicamento extraordinário, além de suave o suficiente para não fazer mal, mesmo se não curasse a enfermidade.¹⁶ No entanto, será a partir dos anos 1640 quando começam a ficar mais frequentes e intensas as buscas por essas informações, em seus escritos. Entre outras coisas, porque notícias sobre as possibilidades abertas pelos trabalhos de van Helmont também começam a cruzar o canal da Mancha através, em especial, dos correspondentes de Hartlib.¹⁷ Mas, isso também acontecerá, a partir daí, cada vez com mais frequência, porque nosso *intelligencer* descobriu ser vítima de litíase, em seu caso a das vias urinárias, como foram ou se tornariam tantos outros em sua rede de amigos e correspondentes.¹⁸

Desde então, passam a ser frequentes as tentativas de Hartlib, primeiro, por confirmar a validade das obras de Helmont e, depois, cada vez mais, por elucidar possíveis ideias, receituários ou materiais, ali indicados de forma nada óbvia. Não parece estranho, portanto, que numa efeméride de 1648 Hartlib se sinta animado com a possibilidade de obter a tão cobiçada receita de Helmont contra a litíase. Coincidência ou não, esse foi justamente o ano da morte de van Helmont e um amigo que lhe fora próximo prometera passar tal preciosidade a um correspondente de Hartlib. Mas, o grande médico belga sempre foi famoso por guardar seus segredos a sete chaves e a abertura de seu espólio não parece ter alterado em muito essa situação.¹⁹ E, naturalmente, nosso *intelligencer* ficou de mãos vazias, dessa vez e algumas centenas de vezes mais...

A bem da verdade, as buscas de Hartlib se mantiveram até o fim de seus dias, quer fosse pela receita ou pelo próprio remédio universal de Helmont, quer fosse pelo *alkahest* ou o *ludus*, seus secretíssimos componentes. Como veremos, em meio a isso, não faltaram muitas buscas e promessas relativas a outras formulações, em geral, utilizando expedientes como o de “suavizar” fortes solventes que mais prejudicaram do que ajudaram a saúde de Hartlib e seus confrades.

¹⁶ *Hartlib Papers*, “Ephemerides 1635”, parte 3, 29/3/48B.

¹⁷ Clericuzio, “From van Helmont to Boyle”, 310-1; Debus, *English Paracelsians*, 122, menciona que, bem antes disso, as primeiras notícias sobre o trabalho de Van Helmont haviam chegado à Inglaterra vide, ainda, Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Seventeenth-century ‘Treasure’”, 232.

¹⁸ “Letter from J. Dury to Hartlib”, 1642, *Hartlib Papers*, 30/2/9A, onde acontece uma das primeiras menções ao surgimento dessa enfermidade de Hartlib; vide, também, Turnbull, 21.

¹⁹ *Hartlib Papers*, “Ephemerides 1648”, parte 1, 31/22/2A-B.

Em fim, são centenas de exemplos, na maioria das vezes, angustiantes porque não resultam em nada ou acabam mal. Mas, por isso mesmo revelam as dimensões e enrosocos dos intercâmbios com foco numa das enfermidades mais prementes da época. E, como seria de esperar, boa parte dessas trocas de informações com Hartlib esteve relacionada a algum helmontiano ou, no mínimo, alguém ligado à iatroquímica. Vale lembrar que, no caso de 1648, acima referido, a promessa da receita partiu de alguém muito próximo a Helmont e, portanto, de um helmontiano, já que para estes seguir o grande mestre foi quase uma religião. Do outro lado dessa rede de informações estariam figuras como J. R. Glauber e R. Boyle, a quem Hartlib pretendia passar a receita para que fosse perfeitamente executada. Ou seja, nessa outra ponta da rede também estariam famosos iatroquímicos, com forte aderência às ideias de Helmont.²⁰

De igual maneira, outras dezenas de iatroquímicos, em sua maioria também helmontianos, estariam presentes nessa rede de informações sobre a litíase e lhes dariam a forma e o tom. Não seria demais lembrar que entre eles estiveram figuras como K. Digby, C. Culpeper, H. Appellius, J. Moriaen, J. Winthrop, P. Sthael e J. Polleman, apenas para mencionar alguns. Sempre solícitos com nosso *intelligencer*, mas nem sempre desinteressados – ao ver nele uma boa fonte para obter informações sigilosas – essas dezenas de figuras distinguidas raramente passavam adiante o que lhes chegava ou descobriam.²¹ Some-se a isso a falta de padrões definidos e as variâncias entre estudiosos ou grupos de estudiosos e o resultado não poderia ser outro do que aquele encontrado nos escritos de Hartlib: múltiplas informações sigilosas e desencontradas que davam um trabalho imenso para ser conseguidas, compreendidas ou coordenadas, mas quase nunca levavam aos resultados pretendidos, pois sempre parecia faltar-lhes algo...²²

Será a procura por esse “algo” sempre faltante o que se intensifica nos escritos de Hartlib durante a década de 1650. Nesse período, além de Glauber, Boyle e as dezenas de famosos já indicados, começam a entrar em cena novas levadas de figuras importantes nos trabalhos de laboratório. E com estas entra também F. Clodius, reconhecido helmontiano de origem germânica que se tornará genro de Hartlib, cobrindo de expectativas e promessas seu pai político. A partir de seus ofícios veremos multiplicar-se, nos escritos de Hartlib, receitas de sais estranhos, ácidos “suavizados”, relatos de cirurgias sinistras e muitas, muitas promessas de conseguir a verdadeira

²⁰ No caso da efeméride de 1648, citada acima, Hartlib indica o caminho desta receita que seria recebida por Johann Morian, residente nos Países Baixos, que a passaria a Glauber; uma vez executada, seu receptor na Inglaterra seria Boyle e, por extensão o Círculo de Hartlib.

²¹ Vide por exemplo, o caso de uma receita da pedra filosofal que Hartlib esperava obter e que nunca chegara a suas mãos, *Hartlib Papers*, “Ephemerides 1659”, 29/8/6A-B; sobre promessas não cumpridas de envio de uma receita do *alkahest*, vide Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, “Lost Royal Society Documents”, 439.

²² Ana M. Alfonso-Goldfarb, & Márcia H.M. Ferraz, “A Passagem da Alquimia à Química: Uma História Lenta e sem Rufar de Tambores,” *ComCiência*, 09/07/2011, <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=68&id=865>, acessado em 05 de outubro de 2014.

formulação de van Helmont ou, pelo menos, o *ludus helmontii* e, quem sabe, até o próprio *alkahest*!²³

Entretanto, e como veremos na sequência, no final dessa década, em meio a um giro de informações estonteante e a dores intensas, nosso *intelligencer* ainda continuava suas buscas. Mesmo assim, longe de ser solitárias, essas buscas passariam a contar, cada vez mais, com vários correspondentes de Hartlib... Curiosamente, boa parte destes havia entrado em sua rede para troca de informações político-religiosas e típicas da época, como aquelas relativas ao milenarismo. E, mesmo que a maioria sequer fosse versada em medicina ou nas artes de laboratório, muitos deles já mantinham ou viriam a ter suas próprias redes. Desse modo, ampliaram ou, ao menos, reforçaram os múltiplos intercâmbios cultivados, desde havia décadas, por Hartlib.

Um personagem destaca-se, em particular, nessa configuração inédita de antigos e novos confrades de nosso *intelligencer*. Seria este H. Oldenburg que, entre 1657 e inícios de 1660, acompanharia, como tutor, um dos sobrinhos de Boyle em seu “tour instrutivo” pelo Continente. Futuro secretário da Royal Society de Londres, Oldenburg aproveitou-se da longa viagem e estabeleceu ou restabeleceu contatos importantes para o que viria a se tornar uma das redes mais vigorosas do seiscentos.²⁴ Habilidade, como sempre fora Hartlib, Oldenburg aprenderia muito com ele sobre o intercâmbio de informações difíceis e os lides próprios de um *intelligencer*. Não por acaso, nota-se uma mudança gradual, mas decidida, no tom e tipo de informações enviadas por ele ao amigo e mestre na Inglaterra. A princípio formal e versando sobre situações da viagem, aos poucos essa correspondência torna-se, mais do que um fluxo, uma torrente de informações sigilosas.²⁵ Nomes de bons contatos e receitas que vão e vem, serão constantes desde a metade dessa viagem. Especialmente, no que tange a formulações para combater a litíase, o ano de 1659 foi dos mais frutíferos. Compilações de várias receitas de uma só vez; contatos com helmontianos por toda parte onde passava e, por fim, uma receita do próprio *alkahest* e outra do “pó de projeção” para preparar o “remédio dos remédios” ou a pedra filosofal...²⁶

²³ Vide: cartas de Hartlib para Boyle, de 08/05/1654 e sem data [provavelmente abril/maio de 1659], Thomas Birch, ed. *The Works of the Honourable Robert Boyle*, 2ª ed. (London: Johnston et al., 1772), vol. 6, 83-9 (esp. 87); 122-3 (esp. 122); “Ephemerides 1654”, parte 2, *Hartlib Papers*, 29/4/22B; “Copy Letter In Scribal Hand ?, Hartlib To John Winthrop The Younger”, 16/03/1660, *Hartlib Papers*, 7/7/4B.

²⁴ Para maiores detalhes sobre as viagens e intercâmbios de Oldenburg antes da fundação da Royal Society, vide: Marie Boas Hall, *Henry Oldenburg: Shaping the Royal Society* (Oxford: Oxford University Press, 2002), esp. 1-51.

²⁵ Essa mudança começa a ser percebida a partir de meados de 1658; vide, por exemplo, Alfred R. Hall, & Marie B. Hall, ed., trans., *The Correspondence of Henry Oldenburg* (Madison: University of Wisconsin Press, 1965-86), vol. 1, carta 87 (18/07/1658), 170-1.

²⁶ Vide, por exemplo, ‘The liquor Alchahest or ye Im[m]ortal Dissolvent of ye Philosop[hers]’, Royal Society Archives *Classified Papers*, ‘Pharmacy and Chemistry’, 11i/ 8, e ‘Processus de Bois’, *Classified Papers*, 11i/11, ‘Pharmacy, Chemistry’.

É difícil dizer, quanto disto alcançou ou pôde ser aproveitado por Hartlib que, com a morte de O. Cromwell (1658), perdera sua proteção política e econômica, diminuindo e, por fim, desaparecendo seu lado da correspondência com Oldenburg.²⁷

De volta a Inglaterra, Oldenburg será, visivelmente, um dos artífices principais na rede que, entre 1660/11, tenta amparar Hartlib, já em processo final da doença. Nela estarão presentes nomes como o destacado *collegiata* neerlandês, P. Serrarius e o religioso cambrigense J. Worthington, mas também velhos amigos como J. Dury e J. A. Comenius, e até mesmo seus antigos colaboradores e exímios iatroquímicos, J. Morian e J. Winthrop... quase todos, aliás, inicialmente envolvidos com Hartlib em questões político-religiosas.²⁸ Não seria demais dizer que esta singular correlação, de aparência singela e altruísta, não acontecera meramente para atender a um estimado confrade! Existem vários momentos nos escritos de Hartlib em que oferece detalhes sobre um fluxo natural de informações entre esses dois grupos. E para sua decepção estas nem sempre lhe chegavam ou eram em seu benefício... Ou seja, receituários e ideias incompletas continuariam a chegar (ou, sequer chegavam), mesmo em se tratando de um grupo envolvido por altos ideais messiânicos e, portanto, salvacionistas.²⁹

De todo modo, a partir dessa rede, finalmente, surgem, além do tão desejado *ludus helmontii*, um par de médicos helmontianos de primeira linha, O. Faber e T. Kohlhans. Aparentemente, ambos teriam sido treinados pelo próprio filho de Helmont (Francis Mercurius) na corte germânica de Sulzbach, tornando-se, assim, partícipes da herança helmontiana. Tudo isso, porém, aconteceria tarde demais (ou não foi eficiente) no caso de Hartlib, que faleceu em princípios de 1662, após sofrer por quase 20 anos.³⁰

Enfim, é possível concluir que, em suas centenas de escritos, repletos de sonhos nunca realizados, encontram-se alguns elementos de suma importância para entender toda uma documentação seiscentista que, de outro modo, seria quase impenetrável. Como vimos, serão provenientes desses escritos, por exemplo, alguns dos mapas mais detalhados sobre as erráticas interpretações dadas ao trabalho de Helmont e, por motivos óbvios, particularmente, sobre a litíase. De igual maneira, é possível verificar

²⁷ Para mais detalhes sobre essa fase da vida de Hartlib, vide Charles Webster, *Samuel Hartlib and the Advancement of Learning* (Cambridge: Cambridge University Press, 1970), 63-4 e Turnbull, 29; o próprio Oldenburg protesta sobre as irregularidades e desaparecimento de correspondências, vide, por exemplo, carta de Oldenburg para Hartlib, *Oldenburg Correspondence*, vol. 1, carta 149 (30/07/1659), 291-2.

²⁸ Os comentários e correspondência com toda essa rede formam boa parte da documentação de 1660-2 dos *Hartlib Papers*.

²⁹ Existem vários exemplos mostrando a decepção de Hartlib com a falta de informações coerentes; vide "Copy Letter In Scribal Hand ?, Hartlib To John Winthrop The Younger", 16/03/1660, *Hartlib Papers*, 7/7/1A-8B, esp. 7/7/3b; "Letter, Hartlib To John Worthington", 14/01/1662, *The Diary and Correspondence of Dr. John Worthington*, ed. J. Crossley (Manchester: Chetham Society, 1855): vol. 2, Part1, 98-101, esp. 99.

³⁰ Sobre a misteriosa chegada dos dois médicos helmontianos, Kohlhans arregimentado por Oldenburg e Faber por Morain, vide para o primeiro caso, "Letter from Dury to Hartlib", 17/10/1661, *Hartlib Papers*, 4/4/36A-B; já para o segundo, *Hartlib papers*, 39/2/70 A-B; Young, 63, nota 202; vide, ainda, Alfonso-Goldfarb, Ferraz & Rattansi, "Seventeenth-century 'Treasure'", 233-4.

ali a sobreposição de interesses entre grupos, aparentemente dispares, mas muito próximos... sempre e quando alguma “formula magistral” estivesse em pauta. E, não menos importante, será a visão clara, deixada por esses escritos, das muitas expectativas que se viveu no período, não só por concepções e receituários inéditos, mas por encontrar e reinterpretar aqueles antigos. Lendários e, praticamente, desaparecidos até o século XX, foram assimilados de forma discreta por outros documentos, onde quase nenhum dessas valiosas características daquela época se deixa ver. Não mais como elemento de fórmulas magistrais, o *ludus*, por exemplo, passa a constar apenas nas longas classificações mineralógicas do século XVIII.³¹

³¹ John Woodward, *An attempt towards a natural history of the fossils of England: in a Catalogue of the English Fossils in the Collection of J. Woodward* (London: F. Fayram, J. Senex and J. Osborn and T. Longman, 1729), vol. 1, parte 1, 83-85; vol. 2, parte 1, “Catalogue of Foreign Fossils”, 8; John Hill, *A General Natural History: or New and Accurate Descriptions of the Animals, Vegetables, and Minerals* (London: Thomas Osborne, 1747), vol. 1, 502 *et seq.*